

O BRASIL REAL

Nossa moeda é o boi

Trabalhando de sol a sol, os irmãos Flor não falam em cruzados, nem tampouco em dólar. Eles só compreendem o valor e o significado do dinheiro quando ele é expresso em cabeças de gado. E boi é o que não falta neste pedaço do Brasil real. Só nas redondezas de São José do Banguê-Banguê são 400 mil cabeças.

Reportagem de Valdir Sanches



Estrada Perdida, São José do Banguê-Banguê. Neste endereço, no coração do Alto Xingu, os irmãos Flor consolidaram o seu império. Eles têm uma quantidade tão grande de bois, que preferem não falar em números (mas qualquer um, por ali, sabe que são 50 mil cabeças). Os irmãos começaram do nada; trabalhavam na enxada, em Presidente Olegário, Minas Gerais. O que comanda os 21.294 hectares da fazenda, Romão, criou esta máxima: "Espinho que tem que espetar já nasce com ponta". Até hoje, discreto e milionário, Romão trabalha de sol a sol. Atingiu tal eficiência, que dispensa solenemente financiamentos ou estímulos oficiais. Na verdade, nem mesmo pensa em termos de cruzados.

"A nossa moeda é o boi", informa ele: "Vendo um boi gordo e compro dois magros. Eu quero uma entrada real. Não quero 1.000% ao ano, mas 10%, reais." Outra coisa: "O preço da arroba do boi não me importa. É só um ponto de referência". E quanto ao cruzado, definitivamente, "eu não confio nele".

É lógico que, do governo, Romão gostaria de contar com um retorno social mínimo, na forma de estradas e assistência médica. A rodovia federal, de terra, que chega a São José do Xingu (lugarinho apelidado "São José do Banguê-Banguê"), onde fica a fazenda irmãos Flor, subitamente mudou de rumo. Na época de sua abertura, passava por essa e outras sete fazendas, onde há 400 mil cabeças de gado, mas de repente sofreu uma modificação. Setenta quilômetros antes do ponto final, derivou para a esquerda. Essa região onde estão os Flor e os outros sete ficou simplesmente abandonada. Daí, o apelido de "Estrada Perdida".

Dizem que foi o prestígio político de um outro fazendeiro, diretamente beneficiado pelo novo traçado, que conseguiu a proeza. De qualquer forma, a "perdida" ficou lá, e só é utilizável porque os fazendeiros cuidam dela.

Quanto à assistência, os irmãos

acham que se recolhem 2,5% de Funrural (fora os 17% do ICM) por boi negociado, deveriam contar com alguma infra-estrutura de saúde pública. Mas em São José do Banguê-Banguê isso não existe. O único médico do lugar, particular, estava de mudança quando o JT lá esteve (veja a outra matéria).

Os irmãos Romão e José Ribeiro Flor, os mais velhos de uma prole de seis, eram crianças quando o pai morreu. A mãe, de origem alemã, foi-se alguns anos depois. Os órfãos, adolescentes, eram unidos e trabalhadores. Tocavam roça, "de ameaia", entregando metade da colheita para o dono da terra. Conseguiram comprar alguma terra, e venderam, e compraram, até que em 1960 adquiriram 3.300 hectares em Anicuns, a 80 quilômetros de Goiânia. Plantaram feijão, perderam dinheiro. "Mas tiramos uma lição. Aprendemos a comercializar a safra", diz Romão.

Em pleno "milagre brasileiro", em 1973, colheram uma supersafra. Mas o governo havia importado grãos e isso lhes dificultou a vida. "Aí resolvemos largar a roça, porque a importação ia nos dar mais prejuízos." A fazenda, chamada Califórnia, havia dobrado de tamanho, com a compra de terras vizinhas. Os irmãos começaram a vender todo o feijão, o milho e a comprar gado. Não tinham experiência, fizeram alguns maus negócios. "Mas fomos aprendendo."

Há seis anos, quando resolveram comprar terras no Alto Xingu, os Flor já tinham muita experiência. Mas ganharam um aliado importante: o irmão Antônio, que formaria uma fazenda de exploração extremamente racional e hoje é seu administrador. Com muito sacrifício, vendendo rapadura, trabalhando em bar, em banco, Antônio conseguiu estudar e ganhar uma bolsa de estudos na Alemanha. Com dez anos fora, formou-se engenheiro em telecomunicações e em eletrônica. Voltou ao Brasil, como funcionário da Siemens, ganhando em marcos. Mas logo o salário foi convertido em cruzados e Antônio achou

que não valia a pena. Preferiu trabalhar com os irmãos e ganhar dinheiro.

Certamente ajudado por seus estudos, Antônio concebeu uma fazenda quadrilada por 416 pastos servidos por água. "Se é melhor que o boi ande pouco, criamos pastos pequenos", diz. Os pastos ficam em quatro retiros, cada um com um curral. Os bois são medicados e cuidados nos pastos. Só vão ao curral para serem embarcados, e assim não perdem peso. Um bezerro demora quatro anos para virar boi gordo, de 18 a 19 arrobas (270 a 285 quilos). Um bezerro de oito meses custa NCz\$ 400 ; um boi gordo, NCz\$ 810. Mas os Flor não vivem apenas da simples compra, engorda e venda de bois. Seu segredo está em comprar e vender muito bem.

Uma mulher, ex-gerente de banco, cuida da administração.

Antônio acompanhou muito tempo seu irmão Romão (Sebastião, o outro irmão, cuida da Fazenda Califórnia, em Goiás) para aprender a administrar a Irmãos Flor. E também acabou conhecendo o negócio. "Se o governo tivesse feito este regulador, nós teríamos vendido bois. Mas, como não fez, estamos segurando, mesmo que o boi emagreça, porque o preço vai subir", diz Antônio. E completa: "Se aparecer novilho bom, por preço bom,

nós vamos lá e compramos. Ou podemos fazer negócio com o boi, em troca de terra. É um jogo, a gente pode ganhar ou perder".

Depois de suas primeiras lutas, em que perdeu e aprendeu, Romão Flor tem jeito de quem sabe o que faz. Aos 50 anos, solteiro, diz que "nunca" vai parar de trabalhar: "Se parar, eu morro". E sua fórmula é a mesma que receita para o País: "Trabalho honesto, sério, produtivo". O modelo de sua fazenda, a seu ver, também serve para o Brasil: "Tem que ser funcional, não pode sobrar nem faltar nada. Tem que se fazer só o necessário, na medida certa". Fora de medida, para o País, estão por exemplo os deputados e senadores: "Tem demais".

Escorado em seu inegável sucesso, Romão faz de sua prosa um verdadeiro programa de governo. "Eu dispensaria 90% dos funcionários, e, aos que ficassem, pagaria bem. Daria uma balança para o País e passaria uma porção de coisas para a iniciativa privada. Banco do Brasil, Caixa Econômica, INPS, eu passava tudo para frente. A meu ver, o governo deve ficar com saúde, educação, segurança e arrecadação. O resto tem que ser privado."

Seu candidato à presidência seria Antônio Ermírio de Moraes, mas como ele não está no páreo, pensa em Collor de Mello — Antônio, seu irmão, está entusiasmado com este candidato. Em São José do Xingu não há telefone (as fazendas usam rádio), como também não há luz

(quem pode tem seu gerador particular). Mas Romão e Antônio instalaram na fazenda uma antena parabólica e, assim, têm acesso ao noticiário da televisão.

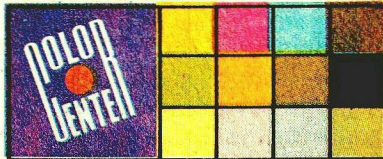
A fazenda é auto-suficiente em alimentos, tem uma oficina mecânica e equipamento para primeiros socorros. A mulher de Antônio, a goiana Lúcia, uma ex-gerente de banco formada em administração de empresas, cuida da contabilidade.

Às vezes, os Flor amarram prosa com seus vizinhos da "Perdida". Como Geraldo Marques de Macedo, o "Iadoca", fazendeiro de cria, recria e engorda, primeiro vice-presidente da UDR de Goiás e eleitor de Ronaldo Caiado, que demonstra grande admiração pelos irmãos Flor: "Esses meninos criaram um império aqui". E, como eles, "Ladoca" diz que não quer do governo nem incentivos fiscais nem financiamentos. "Se der estrada boa, isto aqui explode."

Valdir Sanches



Amanhã, a riqueza de Santa Catarina.



Cenas e lembranças do faroeste brasileiro

Nos tempos mais animados de São José do Banguê-Banguê, os homens andavam com revólver na cintura, bebiam muito e, quando não morriam, matavam bastante. "Muitas vezes morriam dois num dia só. Pode parecer pouco, mas num lugar que tinha oito casas, duas mortes num dia era uma boa conta." É a lembrança de Pedro Irineu da Luz, dono do Hotel Xingu, que sobreviveu para contar.

O temível Pelé, com fama de trinta mortes, bebia certa noite num salloon (é mais uma recordação de Pedro), quando alguém me cochichou: "Tem um homem aí que quer te matar". Pelé virou-se e atirou, sem olhar nem perguntar. Matou Cabeludo, que estava rindo, queria apenas cumprimentá-lo. Depois se soube que o homem do cochicho fizera aquilo de propósito, pois tinha medo de Cabeludo e queria vê-lo morto. "Aquele morreu sorrindo", lembra o hoteleiro.

Há mais uma porção de casos, que deram a São Jose do Xingu, lugarejo situado a 30 quilômetros do rio, o apelido de "Banguê-Banguê". Foi em uma época em que grandes fazendas estavam sendo abertas, havia muito peão e muito jagunço.

Depois a polícia se instalou (com uma terrível violência, contam os mais velhos) e foi acabando aos poucos com a violência anterior.

Na Câmara, três vereadores, todos do PL.

Sem tiros, São José ficou esquecida no tempo. Num gritante contraste com o vigor econômico das 150 fazendas locais, o lugarejo ainda hoje não tem sequer um metro de calçamento, nem água encanada, luz ou telefone. Quando chove, os ônibus que vêm de outras paragens ficam sem condições de trafegar nas estradas ruins. Sobram as lotações de garimpeiros, camionetas com banquetes na carroceria, que levam dezesseis passageiros, correm em velocidades suicidas e passam sempre cheias por São José.

Posto de saúde também não existe. O JT encontrou o único médico, José Adson de Souza, fazendo as malas para uma cidade distante 300 quilômetros dali. "Fiquei seis anos, esperando que isto aqui me-

lhorasse. Mas não deu." Antes dele, três já haviam tentado. A mulher de Souza, que é professora, segue o marido. E a escola de primeiro grau, que só tem o diretor e um agrônomo como professores formados, está ameaçada de fechar. Os alunos deram uma busca de casa em casa, mas não encontraram ninguém mais para lecionar.

A sede da prefeitura, no município de Luciara, fica a 350 quilômetros. Em São José há, contudo, três vereadores, todos do PL. Um deles, o índio Puiú Txucarramãe, diz ter esperanças de que, com as próximas eleições presidenciais, as coisas melhorem no lugar. O médico Souza, de saída, não pensa assim. Em todo caso, diz que em São José "90% vão votar em Collor". Mas Puiú Txucarramãe também tem sua própria pesquisa: "Eu e meus irmãos, 3.000 índios, vamos todos votar no Brizola". Na meia dúzia de ruas batidas de sol, os rostos das pessoas indicam uma certa distância dessas questões. Parecem um pouco conformadas com a paz modorrenta de São José, que hoje muitos chamam pelo apelido simplificado e carinhoso de "Banguê".



Hotel Xingu: apenas lembranças do antigo saloon.